



O HUMANO COMO UM SER RELIGIOSO/ESPIRITUAL: UM PERCURSO PELA FENOMENOLOGIA DE ANGELA ALES BELLO

The human as a religious/spiritual being: a journey through the phenomenology of Angela Ales Bello

Clóvis Ecco¹

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás)

Paulo Sérgio de Souza²

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás)

DOI: 10.29327/256659.15.3-4

RESUMO:

Este artigo busca explorar aspectos do ser humano, vislumbrando-o como um ser inerentemente religioso ou espiritual, através da lente da espiritualidade cristã e suas manifestações percebidas pela fenomenologia. A metodologia adotada consiste em uma revisão de literatura embasada na epistemologia fenomenológica de Angela Ales Bello. O objetivo é investigar a compreensão do ser humano como aberto ao Sagrado, independentemente de estar envolvido em estruturas religiosas convencionais ou interessado em questões transcendentais. Sob um enfoque fenomenológico, destacamos a propensão natural do ser humano à espiritualidade, livre de restrições ou vínculos religiosos. Além disso, com base em pensadores que exploram a fenomenologia nas dimensões psíquicas e espirituais, apresentamos as categorias *hilética* e *noética* como vias de experiência espiritual acessíveis a qualquer pessoa que se engaje nesse caminho, sem necessariamente se ligar a um sistema religioso específico.

Palavras-Chave: Fenomenologia e religião; Ser humano e religião; Espiritualidades.

¹ Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com experiência como integrante da Comissão Científica da Anptecre (2022-2024) e da comissão do Enade em Teologia e Ciências da Religião (2015-2022). É também membro associado da Soter e coordenador do Fórum Temático sobre 'Pessoas sem religião, Espiritualidades com/sem religião e Novos Movimentos Religiosos'. Sua pesquisa foca em intolerância religiosa, novas expressões religiosas e masculinidades. E-mail de contato: eccoclovis@gmail.com.

² Mestrado em Psicologia pela UCB. Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Pesquisa em Fenomenologia através de Angela Ales Bello. Bolsista pela CAPES. E-mail de contato: freipaulosergio@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A religião tem desempenhado um papel muito significativo na vida humana ao longo dos séculos, influenciando profundamente a forma como as pessoas compreendem a si mesmas, seus propósitos e o mundo ao seu redor. Desde Agostinho de Hipona (354-430), Francisco de Assis (1181-1226), Teresa D'Ávila (1515-1582) até autores contemporâneos como Anselm Grün e Leonardo Boff, percebe-se que a busca por significado, transcendência e conexão com o *Sagrado* é inerente à experiência humana, impulsionando a exploração e a prática religiosa em diversas culturas.

Ales Bello (1998, p. 141), dentre tantas possibilidades de análise, procura evidenciar “que os fatores que realmente orientam e apontam o caminho são a procura e a postura religiosas”. Nesse contexto, a tentativa de compreender o humano como um ser religioso/espiritual se revela essencial para a construção de uma visão mais abrangente (no sentido de categórico: uma visão sobre a *ágora*, supervisão) e, conseqüentemente, mais profunda da sua existência como ser-no-mundo, inserido nas relações com outros (culturas e sociedades).

Ampliando a lente, o ser humano só pode ser compreendido se formos capazes de percebê-lo inserido em suas sociedades e culturas. Isso antecede qualquer experiência, haja vista que o humano se faz humano quando se torna capaz de elaborar a fala, o discurso e de se relacionar em grupos e/ou sociedades. De acordo com Clifford Geertz (2008, p. 16), “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” e tais significados são complexos e exigem muitas ciências para tentar compreender. Não é possível fazer uma análise do ser humano, a partir de qualquer etapa de sua evolução, sem o dado fundamental da cultura e das sociedades (tribais e de clãs). A partir de muitas compreensões, o propósito deste artigo é supor muitos aspectos para tentar atingir uma relação do humano com o *Sagrado*, levando-se em consideração muitos dos aspectos já construídos pela antropologia, sociologia, filosofia e demais ciências sociais afins.

Supondo a fragilidade destacada no parágrafo anterior, gostaríamos de salientar que o objetivo deste artigo é analisar e explorar uma possível compreensão do ser humano enquanto ser religioso/espiritual à luz do pensamento de Angela Ales Bello, cujas contribuições têm enriquecido os estudos culturais e religiosos também no Brasil. Vamos

examinar também suas reflexões sobre a relação íntima entre o ser humano e a religião, bem como a dimensão religiosa da cultura humana.

A partir da sensibilidade da autora italiana, vamos perceber que “só a religião é plenamente sensível à dignidade do ser humano como indivíduo, pessoa e criatura que possui dimensões espirituais e físicas” (Ales Bello, 1998, p. 162). Analisaremos a busca de sentido e transcendência presentes na “alma religiosa”, além de discutir o papel da religião na formação da identidade individual e coletiva. Destacaremos também a importância desse “olhar para dentro” já proposto por Carl Jung como caminho para um autoconhecimento que ultrapassa as dimensões físicas e psíquicas, gerando abertura e possibilidade para uma (re)conexão com o *Sagrado*.

Por meio dessa análise, almejamos alcançar uma compreensão do ser humano enquanto “ser religioso/espiritual”, reconhecendo que, apesar da complexidade e a diversidade das manifestações religiosas do homem ocidental, focaremos mais na espiritualidade cristã, com total respeito e reverência a tantas expressões religiosas/arcaicas que marcaram a cultura religiosa do Ocidente.

Embasados pela metodologia de Ales Bello, vamos percorrer este estudo, buscando, primeiramente uma compreensão da fenomenologia e suas várias aplicações, a fim de construirmos um caminho que seja sustentado por uma epistemologia que permita a abertura de interpretações propostas por esta pesquisa.

A FENOMENOLOGIA COMO CAMINHO PARA O SENTIDO E O SIGNIFICADO DO FENÔMENO

A partir da fundamentação de Edmund Husserl (1859-1938), considerado o “pai” da fenomenologia, seguiremos com a epistemologia fenomenológica de Angela Ales Bello. As delimitações no vasto campo da fenomenologia vão se estreitando na busca de delimitar as categorias *hiléticas* e *noéticas* como a lente utilizada para realçar essas duas dimensões presentes e atuantes no ser humano. Com isso, enfatizamos que o campo de pesquisa se fundamenta no ser humano e suas experiências espirituais (ciências da religião), e não nas teologias cristãs e em crenças dogmáticas do campo religioso (religiões).

A palavra 'fenômeno' vem do grego *phainómenon*, que “significa aquilo que se

mostra; não somente aquilo que aparece ou parece” (Ales Bello, 2017, p. 17). Em princípio, tais fenômenos podem ser físicos ou psíquicos pois estão em conexão com a dimensão sensitiva humana. Ales Bello (2017, p. 17) apresenta ainda o fenômeno, na linguagem religiosa, como *epifania*³ que é compreendido como “aparição ou manifestação divina” através de algum fenômeno que causa impacto ou êxtase à pessoa que se torna o receptáculo da manifestação.

Ales Bello (2006) apresenta Edmund Husserl como o criador da escola filosófica chamada fenomenologia, e que há uma certa dificuldade para se chegar a um conceito ‘husserliano’ sobre fenomenologia, uma vez que cada obra desse autor apresenta um percurso investigativo diferente. De acordo com Husserl (1986/2020, p. 70), “a fenomenologia do conhecimento é ciência dos fenômenos do conhecimento em sentido duplo, dos conhecimentos enquanto aparecimentos [...] e ciência destas objetividades enquanto apresentam-se assim”. De acordo com Heidegger (1986/2005, p. 57), a “fenomenologia seria a ciência dos fenômenos” e possui “dois componentes importantes: fenômeno e *lógos* e exprime uma máxima que se pode formular na expressão: as coisas em si mesmas!”. Nesse sentido, a fenomenologia é apresentada como um método capaz de perceber a realidade através dos entes em todas as suas manifestações.

Para Urbano Zilles (2007, p. 218) a fenomenologia “é uma descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência, ou seja, como condição de possibilidade do conhecimento”. Para além de um conceito (abstração), David Cerbone (2012, p. 13), esclarece um sentido mais real e palpável da fenomenologia: “onde a noção de um fenômeno e a noção de experiência, de um modo geral, coincidem. Portanto, prestar atenção à experiência em vez de àquilo que é experienciado é prestar atenção aos fenômenos”.

Percebe-se neste ponto a importância crucial da experiência e da consciência, não somente da consciência enquanto um conceito abstrato, mas da consciência de algo. Ales Bello (2017) aponta para a consciência que perpassa as nossas experiências. Ao tocar um

³ Epifania (em grego ἐπιφάνεια); que traz o prefixo *epi* (sobre, acima de) + *phanun* (que significa templo ou lugar sagrado).

objeto, o sujeito deve estar presente nesta ação, pois “consciência significa que, enquanto nós olhamos, nos damos conta de que estamos vendo, ou que, quanto tocamos, nos damos conta de tocar” (Ales Bello, 2017, p. 31). A consciência de estar presente em nós em cada ação ou experiência diferencia o humano de outros animais que seguem os impulsos instintivos ou de uma câmera filmadora que, ao ser colocada para filmar, não sabe o que está fazendo, mas apenas registrando imagens.

A fenomenologia é apresentada por Ales Bello (2006, p. 19) como caminho para que haja uma compreensão dos fenômenos, ou seja, para “buscar o sentido das coisas, tanto de ordens físicas quanto de caráter cultural, religioso” e tantas outras manifestações que se revelam ao ser humano. Caminho é método (*μέθοδος / métodos*) que significa uma estrada que conduz para; um caminho que leva através de. A meta é sempre algo que aponta para frente, para o futuro (teleologia). Apresentando a epistemologia fenomenológica um caminho para a compreensão dos fenômenos, Ales Bello (2006, p. 22-32) demonstra-o em duas etapas: 1) a busca do sentido dos fenômenos: a redução *eidética*, e; 2) como é o sujeito que busca o sentido: a redução transcendental.

Na primeira etapa do método, temos a redução *eidética*: a palavra “*eidética*” vem do termo grego “*eidos*”, que significa “forma” ou “essência”. A redução *eidética* é, portanto, o processo de colocar entre parênteses (*epoché*) todas as pressuposições e crenças prévias sobre o objeto de estudo e concentrar-se exclusivamente nas características fundamentais e essenciais que o definem. De acordo com a compreensão de Ales Bello (2006), Husserl desejou que, ao realizar a redução *eidética*, pode-se alcançar uma visão mais clara e direta das estruturas inspiradoras das experiências e objetos que estão sendo investigados. Através desse método, a fenomenologia busca descrever as experiências conscientes em si mesmas, como elas se apresentam à consciência, sem acrescentar qualquer interpretação ou julgamento prévio.

Na segunda etapa, temos a redução transcendental: o termo “transcendental” deriva de “transcendência”, referindo-se ao ato de ir além do imediato ou do dado na consciência. Na redução transcendental, o Husserl coloca entre parênteses todas as exigências sobre a existência do mundo físico externo e das entidades objetivas. Em outras palavras, suspende-se a crença na realidade objetiva e material do mundo. Ao realizar uma

redução transcendental, Husserl não nega a existência do mundo externo ou dos objetos. Em vez disso, ele busca investigar a estrutura e as condições fundamentais que tornam possível nossa experiência do mundo e dos objetos em primeiro lugar.

Ao suspender as crenças sobre o mundo externo, Husserl concentra-se na consciência pura, na experiência subjetiva e nos atos que constituem nossa experiência do mundo. Ele busca identificar os elementos básicos e as estruturas subjacentes que possibilitam a experiência do mundo e a constituição dos objetos como entidades emblemáticas para nós. Para Edmund Husserl, a redução transcendental na metodologia envolve a suspensão temporária das crenças na realidade objetiva do mundo externo e concentra-se na investigação da estrutura essencial da consciência e das condições fundamentais que tornam possível nossa experiência do mundo e do conhecimento. Isso permite uma análise fenomenológica mais profunda das estruturas e dos processos que constituem a experiência humana.

Trazendo a discussão para um viés da teologia cristã, percebe-se que autores como Leonardo Boff e Anselm Grün, por exemplo, trazem uma fundamentação antropológica na busca de uma espiritualidade que esteja em comunhão com o humano e sua relação com o Sagrado. Leonardo Boff (2004, p. 34), a partir da ética do cuidado, mostra-se pertencente à matriz teórico-epistemológica da fenomenologia: o cuidado é “um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana”. Boff encontrou na fenomenologia, um espaço e uma abertura para tratar do cuidado como algo inerente ao modo de ser humano no mundo. Em outra obra, apresenta aspectos muito interessante da graça e do sobrenatural como experiência humana: “sobrenatural e graça são termos e signos semânticos que estão a serviço de uma experiência” (Boff, 2003, p. 57). Por isso, o caminho da espiritualidade não pode ser contido apenas pelo viés da teologia, abrindo espaços para as ciências da religião, psicologia, sociologia, entre outras.

De acordo com Leonardo Boff (1983, p. 36), a “palavra caminho concentra, em si, uma das mais profundas experiências do humano em seu enfrentamento com a tarefa da vida”. Nessa perspectiva, a fenomenologia, enquanto epistemologia e método, quer ser um instrumento para auxiliar a compreensão do homem enquanto um ser enraizado em sua história e estabelecendo inúmeras relações. Segundo essa fundamentação teológica, o ser

humano apresenta uma dimensão voltada para o mundo e participa do destino do mundo. Toda dimensão de vida que acontece no mundo está sujeita à experiência temporal, terrena, histórica.

Nesse sentido, Leonardo Boff (1983, p. 43) esclarece que, “o ser humano enraizado no mundo (carne) não se perde no mundo. É o único ser da criação capaz de transgredir os limites dos quais vive”. Tal capacidade de transgressão é descrita no mito de Prometeu, onde esse ousou “roubar o fogo dos deuses” para trazê-lo à humanidade. Essa capacidade de transgredir, de não se conformar com a realidade finita é o resultado do “fogo sagrado” que habita a alma do ser humano (Bulfinch, 2006). Tal experiência não é especificamente religiosa, é universal. Cada indivíduo faz, a seu modo, sua própria experiência, alargando e transcendendo a experiência humana realizando sua vocação primeira e não se fechando a uma dimensão corporal, física, palpável.

Ales Bello (2018) mostra claramente que o ser humano tem uma capacidade profunda de desejar e, esse desejo, parte sempre da singularidade para, depois, construir encontros com os singulares. Trabalha, de maneira filológica⁴, o significado originário das palavras *corpo* e *alma*, trazendo um sentido e significado mais profundo dessas duas maneiras de compreender o humano em uma totalidade corpo/alma. A partir da compreensão das “culturas arcaicas”, tudo estava ligado “a uma visão metafísico-religiosa da realidade e o ser humano era a manifestação mais explícita daquilo que dá a vida a todas as coisas, ou melhor, daquilo que é a própria vida” (Ales Bello, 2018, p. 29).

Ales Bello (2018) reconhece que os conceitos de corpo/alma geraram um dualismo nestas duas dimensões, presente na formação do cristianismo e reforçado por correntes filosóficas helenísticas (platonismo tardio, epicurismo etc.) que apoiaram essa dualidade, evidenciando o espiritual em detrimento do corporal (somático). Diante da revisão dos conceitos, e de uma nova leitura dos significados e das vivências dos povos mais originários indo-europeus, foi possível fazer um resgate e um retorno a uma visão unitária do ser humano, presente na origem da formação judaico-cristã.

Ales Bello (2018, p. 31) apresenta também a parte espiritual do ser humano ao

⁴ Filologia: do grego antigo *philología*, “amor ao estudo, à palavra” é o estudo da linguagem em fontes históricas escritas, incluindo literatura, história e linguística.

afirmar que, a partir de uma “experiência religiosa” é possível perceber “uma atividade espiritual humana”. Para a experiência religiosa, Ales Bello denomina de *Presença* aquilo que passa ser a experiência ou vivência do *Sagrado*. Fortalecendo sua percepção do espírito, considera importante que o reconhecimento da *Presença* passa, primeiramente pela *psyché* e atinge o espírito, a dimensão transcendente que compõe a totalidade do ser humano: “o reconhecimento da *Presença* passa através da aceitação ou da rejeição da *psyché*, a qual oferece ao espírito um material ou um conteúdo a ser examinado.

O espírito, por sua vez acolhe ou corrige o impulso psíquico através da avaliação e da decisão” (Ales Bello, 2018, p. 31). Nesse dinamismo, o espírito atua como uma “última instância” no sentido de decidir, de escolher, de acolher e (re)colher aquilo que seja mais fundamental na experiência do humano em relação à *Presença*.

Na tentativa de responder à grande questão: o que é o ser humano? Ales Bello (2019, p. 48) afirma que “se revela como um ser corpóreo, psíquico e espiritual”. Diante dessa concepção trinitária, o humano está sempre em relação com o mundo, ou seja, em relação com todos os fenômenos físicos, psíquicos e espirituais que se des-velam diante de si. A transcendência não é entendida apenas como uma teleologia⁵ ou escatologia, mas uma dimensão intrínseca ao ser humano em relação às suas vivências e experiências diante dos fenômenos e dos mistérios que se manifestam. É importante destacar que no “âmbito da dimensão transcendental como lugar de desvelamento do sentido da realidade *quoad nous* (em relação a nós)” (Ales Bello, 2019, p. 49) se estabelece uma categoria fenomenológica que possibilita perceber o ser humano numa abertura transcendental, sem que isso se torne uma compreensão desenraizada ou espiritualista do ser humano, que levasse o pêndulo para o outro oposto.

Retomando o princípio do cristianismo, encontramos no Apóstolo Paulo a compreensão de ser humano numa totalidade corpo/alma/espírito (1Ts 5,23), fazendo uma distinção entre alma (*psiquê*) e espírito (*ruah, pneuma, sopro vital*). Nesse sentido, a percepção de Ales Bello (2019, p. 33) encontra uma fundamentação na espiritualidade cristã para apoiar aquilo que ela vai propor como uma “fenomenologia da religião [...] onde esta

⁵ Teoria característica do hegelianismo e seus epígonos, segundo a qual o processo histórico da humanidade — assim como o movimento de cada realidade particular — é explicável como um trajeto em direção a uma finalidade que, em última instância, é a realização plena e exequível do espírito humano.

dá sentido à constatação histórica da *presença* de uma experiência humana peculiar, aquela religiosa”. Tal experiência religiosa abre espaço, como uma cunha, “para a experiência da *Potência* que preenche totalmente” (Ales Bello, 2019, p. 33) o ser humano em sua jornada. Numa perspectiva psicanalítica, Carl Jung (2008) denominou essa jornada de individuação: um processo psicológico da máxima importância, pois consiste no desenvolvimento pessoal e na realização mais plena possível da personalidade, representada pelo “Si-mesmo”.

Leonardo Boff (1983) apresenta o viver segundo o espírito como uma possibilidade para o humano, condição essa que não neutraliza e, muito menos, nega a condição corpórea/finita do humano. Nessa compreensão, “o que vive segundo o espírito assume, sem lamúrias esta condição humana, compreendendo-a como pertencendo à sua estrutura criacional; acolhe a mortalidade e a pequenez como vindas de Deus” (Boff, 1983, p. 45).

Dessa maneira, buscamos uma compreensão do sentido ou do significado do conceito do ser humano como um “ser religioso” no sentido universal (Boff, 1983) e, não, no sentido reducionista, conforme foi sendo construído pelo cristianismo tardio. As experiências religiosas às quais se referem Ales Bello partem sempre do individual em relação à *Presença*.

Quando uma experiência religiosa é contada e estruturada em ritos e manifestações grupais e sociais, passa ser uma religião ou uma expressão simbólica/ritual na qual na qual o indivíduo é iniciado e a partir dela, passa a fazer sua própria experiência. Nesse sentido, ficam intrínsecos os aspectos culturais e as experiências sociais dos indivíduos que nunca se apresentam sozinhos ou solitários, por mais que a experiência religiosa esteja numa relação interpessoal (a pessoa e o Sagrado). Clifford Geertz (2008, p. 20) destaca que “os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade de segunda ou terceira mão”. Todas as experiências, sejam elas transmitidas pelas tradições orais ou escritas, são hermenêuticas e interpretações. Por isso, afirma-se que o valor intrínseco da experiência religiosa de um indivíduo que, diante do *Sagrado* se manifesta, tem a possibilidade de comunicar tal experiência por ritos e ou celebrações, pois a linguagem oralizada não é suficiente para transmitir a mensagem ou a experiência fundante.

A seguir, abordaremos a dimensão religiosa/espiritual do ser humano e como tudo isso se expressa através da cultura e das manifestações rituais que brotam das tradições religiosas, sem que, no entanto, fique condicionado pelas mesmas. O ser religioso não está

ligado diretamente ao pertencer a uma religião, mas como expressão do humano, como reconexão com o *Sagrado*.

O SER HUMANO COMO “SER RELIGIOSO”: PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Angela Ales Bello (1998) chama a atenção para a dimensão religiosa que perpassa a cultura ocidental, fazendo um resgate desde os filósofos da Grécia Antiga como Parmênides de Eléia, Heráclio de Éfeso e Platão. Fica bastante claro que esse olhar sobre os filósofos gregos é apenas uma possibilidade de interpretação (hermenêutica) acerca de suas relações com o mundo dos sentidos (*physis*) e com as divindades que povoavam a mitologia grega. De acordo com a autora, “podemos dizer que Parmênides é um filósofo [em busca] de uma resposta intelectual em relação ao Absoluto” (Ales Bello, 1998, p. 145).

A filosofia “embrionária” grega, que surge depois da mitologia, é uma filosofia que faz perguntas diretas aos fenômenos que se mostram diante dos pensadores/filósofos daquele tempo. Por isso, *physis* não deve ser entendido como natureza, como é comumente compreendido. *Physis* significa fazer brotar, nascer, originar alguma coisa. É um princípio gerador eterno, a manifestação de uma “presença incessante, que se revela e se esconde na visibilidade de si própria”. A *physis* está numa relação velar e des-velar e “está em permanente eclosão sem declínio” (Buzzi, 1998, p. 33).

A partir dos pressupostos metodológicos para o estudo do sagrado e do religioso, Ales Bello apresenta uma nova proposta denominada de “fenomenologia da religião” (Ales Bello, 2019, p. 36). Tal análise está mais fundamentada na experiência judaico-cristã, mas não em uma análise específica do *Sagrado* e apresenta duas categorias de análise denominadas *hilética*⁶ e *noética*⁷. De maneira rápida, tais termos significam matéria e pensamento, respectivamente. Como não são utilizados de maneira estática, a autora denomina-os de momentos *hiléticos* e momentos *noéticos*.

Ales Bello (1998) apresenta o momento *hilético* como a “matéria primordial”: é a potencialidade, a possibilidade de uma coisa existir. É a substância indeterminada, informa e sem características distintivas. Pode ser pensada como a “matéria-prima” subjacente a

⁶ O adjetivo hilético (υλετικός) é referente à *hilé*: na obra husserliana significa a matéria da sensação como dado puro, antes da intervenção da atividade intencional do espírito, que lhe confere um sentido.

⁷ Noético: relacionado à palavra grega “noesis”, que significa pensamento ou conhecimento.

qualquer entidade ou objeto. A matéria é aquilo de que as coisas são feitas, mas que, por si só, não tem uma existência definida. No momento *hilético* temos a experiência vivencial, “remontando em primeiro lugar à função primária do próprio corpo, que, na fenomenologia clássica, é indicado como ponto zero de orientação” (Ales Bello, 1998, p. 158).

A dimensão *hilética*, portanto, está ligado com o aspecto corpóreo (somático e psíquico), pois faz parte do momento das experiências sensitivas, onde a *Potência* se manifesta de uma maneira sensível e perceptível. No momento *noético* surge a possibilidade de compreensão, ainda que tal compreensão ultrapasse o aspecto mental e encontre um campo mais amplo na consciência. Momentos *noéticos* referem-se aos momentos que estão relacionados ao pensamento, ao conhecimento ou à experiência intelectual. Ales Bello (2019, p. 43) afirma que “o âmbito perceptivo-julgador se situa na parte *noética*”, porém não há ruptura nessas duas dimensões e nenhuma delas pode ser considerada mais importante, haja vista que “a esfera cognitiva (*noética*) está sempre implicada, e, em alguns casos, é justamente a dimensão *hilética* que chama a *noética*; todavia pode acontecer também o inverso” (Ales Bello, 2019, p. 43).

Os momentos *hiléticos* e *noéticos* estão em comunhão com a experiência que o humano faz da *Presença*, onde esta perpassa a natureza (*hilética*) e encontra na *noética* um espaço de compreensão, sendo que tais manifestações são diferenciadas nas culturas arcaicas e nas culturas complexas (mas próximas na nossa atualidade). A fenomenologia da religião proposta por Ales Bello se assenta nas vivências celebradas nos momentos *hiléticos* e *noéticos*, uma vez que, a partir da experiência (que passa pelos sentidos), começa um movimento de “expansão da consciência” que faz uma conexão entre as dimensões finitas e transcendentais que perpassa o humano em sua compreensão mais ampla: corpo/alma/espírito.

O SER HUMANO COMO SER RELIGIOSO/ESPIRITUAL: ASPECTOS TEÓRICOS QUE POSSIBILITAM ESTA COMPREENSÃO

A partir de agora, surge uma pergunta relativa a qual ponto de vista assumir quando se pesquisa sobre o aspecto religioso que age no ser humano? A *Espiritualidade*, aqui apresentada como parte integrante do ser humano, passa a ser a janela para uma percepção

mais alargada dessa dimensão. Ales Bello (2019, p. 18) apresenta uma possibilidade, dentro da própria fenomenologia, que abre um novo caminho:

É possível, ainda, falar de outra disciplina [...]: a fenomenologia da religião, a qual, indubitavelmente, deu uma enorme contribuição tanto para o exame das expressões culturais arcaicas, evidenciado a presença do sagrado em cada uma delas, como para as manifestações das religiões históricas. Todavia, a estrutura íntima do fenômeno do sagrado está ainda por ser indagada e, assim, propõe-se novamente, e com urgência, a questão a respeito do método mais idôneo para analisá-la - e esta não é uma questão secundária.

O caminho fenomenológico de Angela Ales Bello (2019) supõe uma *Potência* que, como tal, apresenta movimento. Esse movimento é sempre criador e criativo na direção do humano, enquanto manifestação ou *epifania*. Nessa compreensão, a *Potência* se autocomunica ao ser humano e o provoca a uma relação, cujo estabelecimento se situa na própria vida, marcada pela sociabilidade, pela produção cultural e por sua própria historicidade. O que se manifesta como *Presença* tem a capacidade de transcender, pois não há limite nesta experiência mais profunda. Ales Bello (2019, p. 122) assim exprime essa experiência: “ele [*Sagrado*] responde porque quer responder, e quer responder porque retribui a disponibilidade que lhe manifestamos”.

Nesse mesmo sentido, Berth Hellinger (2007), a partir de suas investigações fenomenológicas, conseguiu perceber algo que transcende as investigações das ciências humanas, a qual ele denominou de “fenomenologia religiosa”. De acordo com esse autor, “esse nível poderia chamar-se religioso ou espiritual. Mesmo nele, contudo, mantenho a postura fenomenológica, livre de intenções, de medo e pressuposições, apenas presente ao que se manifesta” (Hellinger, 2007, p. 18). Nessa fenomenologia religiosa, ou espiritual, abre-se um campo para percepções que transcendem os fenômenos físicos e psíquicos.

A partir da fenomenologia e das categorias *hilética* e *noética* desenvolvidas por Ales Bello, vamos propor uma possibilidade de demonstrar a dimensão do ser humano na sua totalidade corpo/alma/espírito (*soma*, *psiquê* e *ruah/pneuma*). Ales Bello (2019) já demonstrou que as dimensões somática e psíquica estão mais ligadas à dimensão *hilética* e à dimensão espiritual na dimensão *noética*, ainda que essa proposta não seja estática e haja

muita inter-ação e comunicação nas duas instâncias. Todo conceito é sempre uma abstração que possibilita uma compreensão racional daquilo que é investigado, por isso, a chamada “fenomenologia da religião” (Ales Bello, 2019) escapa do sentido estrito de conceito e não se enquadra na abstração, uma vez que parte sempre de uma experiência do ser humano com aquilo que chamou de *Potência*.

Ales Bello (2019), Berth Hellinger (2007), Leonardo Boff (1983) e tantos outros que trabalham nessa perspectiva espiritual apontam para esta fenomenologia religiosa ou espiritual, quando as compreensões mais profundas superam a capacidade da filosofia (enquanto metafísica) e, também, da psicologia (enquanto ciência positivista da psiquê). Leonardo Boff (1983, p. 172) afirma que o “que sustenta a prática e a teoria (teologia) é uma *experiência espiritual* de encontro com o Senhor” (grifo nosso). Então, fica claro que a experiência antecede todo e qualquer discurso e é, necessariamente, pela experiência religiosa, ou espiritual, que se assentam a categorias *hiléticas* e *noéticas*, que estão sempre em comunhão na compreensão do humano nesta visão unitária corpo/alma/espírito.

Carl Jung (2006/2009) desenvolveu o conceito de inconsciente coletivo e o de imaginação ativa que possibilita um diálogo com as forças do inconsciente. O inconsciente coletivo é um “lugar” que abarca todas as experiências humanas. De acordo com Jung (2006, p. 489), “os instintos e os arquétipos constituem, juntos, o inconsciente coletivo”. Dessa maneira, trazemos heranças ancestrais em nossa psique e, de alguma forma, também poderemos ser orientados por elas, até que tais conteúdos venham à luz da consciência, pois os “conteúdos do inconsciente coletivo constituem como uma condição ou base da psique em si mesma, condição onipresente, imutável, idêntica a si própria em toda parte” (Jung, 2006, p. 489).

A imaginação ativa é considerada uma técnica expressiva na qual o ego entra em contato com imagens do inconsciente. Jung (2016), na obra “O Livro Vermelho” faz uma minuciosa descrição de suas várias experiências acerca de sua descida ao seu mundo interior: “talvez o meu inconsciente esteja formando uma personalidade que não sou Eu, mas que insiste em se expressar” (Jung, 2009, p. 19). A imaginação ativa foi apresentada por Jung como um caminho para contato com as imagens primordiais e arquetípicas do inconsciente coletivo.

Roberto Assagioli (1888-1974) contribuiu com a ideia de um *Eu superior* que ocupa um “lugar” acima do círculo que simboliza a psiquê. De acordo com Assagioli (2013, p. 33), o chamado *Eu superior* “está acima do fluxo da corrente mental, não sendo afetado por ela nem pelas condições corporais; e o eu consciente pessoal deve ser considerado meramente como seu reflexo, sua “projeção” no campo da personalidade”. O *Eu superior* tem uma característica *numênica*⁸ e tem alguma semelhança com o *Self* de Jung. Ambos colaboraram grandiosamente para o surgimento de uma “psicologia espiritual” que, atualmente, pululam em várias compreensões acerca do *Sagrado*, sempre fundamentadas numa experiência religiosa ou espiritual.

Nas chamadas novas espiritualidades⁹, o enfoque maior está nas vivências, nas celebrações dos ritos e nas manifestações da alma enquanto busca por experiências espirituais. Nessa perspectiva, abordaremos essas relações, sem objetivar as racionalizações, atentando às vivências e práticas nas espiritualidades.

O SER HUMANO COMO SER RELIGIOSO/ESPIRITUAL: A PRÁXIS E A POSSIBILIDADE DA VIVÊNCIA

A partir de uma premissa de Ales Bello (2018), temos a questão do “sentido da experiência religiosa” que perpassa a individualidade de cada ser humano e, que, ao mesmo tempo, se expressa num desejo ou numa vontade coletiva de completude ou transcendência. A universalidade dos desejos, buscas e inquietações da alma do ser humano deixa aberta a questão da singularidade. Através da “entropatia ou empatia” (Ales Bello, 2018, p. 28) é possível perceber o espírito da solidariedade e da fraternidade que perpassa as ações humanas. Nesse sentido, as categorias *hiléticas* e *noéticas* encontram espaço para uma análise ou, melhor, para uma compreensão dessa inter-relação que abrangente o modo de ser humano.

⁸ Numênico: do grego *νοούμενον* (*noúmenon*). para Kant, o que o espírito concebe para além do fenômeno, mas não pode abranger; a coisa em si, a realidade absoluta, de que não temos conhecimento nem pela experiência, nem pelo entendimento; o incognoscível.

⁹ Novas espiritualidades: movimentos que surgem a partir de indivíduos ou grupos que se reúnem para celebrar aspectos vivenciais. Tais encontros podem ser até virtuais e não há uma característica de padrões religiosos já estabelecidos.

Quando Ales Bello (2018) apresenta o movimento *hilético* numa concepção mais arcaica, podemos entender que esta “arcaicidade” se manifesta mais nas experiências dos povos ancestrais. Porém, pela iluminação da psicologia analítica de Jung podemos perceber este aspecto na psique individual, uma vez que essa se coloca sempre em comunhão com a psique universal, através das experiências e vivências das manifestações arquetípicas. Pela técnica da imaginação ativa, é possível entrar em contato com o inconsciente através de imagens, símbolos e até de sagas que são realizadas numa experiência de muitos anos de duração (Johnson, 1989).

Tudo isso para demonstrar que o momento *hilético* pode ser realizado a partir de qualquer pessoa, sem nenhuma necessidade de referencial teórico ou de uma grande capacidade intelectual. O ser humano, em abertura e comunhão com as manifestações que brotam do *Sagrado*, seja através dos mitos, símbolos e ritos torna-se capaz de celebrar suas experiências, atualizando-o para o momento atual e novo, desconstruindo o conceito de tempo cronológico.

Em termos fenomenológicos, o “momento *hilético*, traz consigo o momento intencional *noético* da recordação, da memória, do significado, sem que se distinga entre o ser e o aparecer, entre o sinal e o ente” (Ales Bello, 2018, p. 52). O aspecto *hilético* está mais em comunhão com os aspectos somático e psíquico e, como tal, possibilitam um salto na direção do movimento *noético*, mesmo que não haja uma premissa para que aconteça nessa ordem, uma vez que há interação nessas duas categorias.

O momento *noético* (do grego *nous*: espírito), está mais ligado ao aspecto espiritual do ser humano. Nessa dimensão, a chamada matéria prima do momento *hilético* “assume uma dimensão espiritual, assim como acontece para as sensações primárias” (Ales Bello, 2018, p. 42), gerando um movimento interno que passa pela experiência da consciência. Esse salto pode acontecer quando, na experiência arcaica da alma (psiquê) há uma busca de transcendência, de união com a *Potência* que se manifesta e se revela como poder que extasia. Sendo “o Sagrado potente e excepcional” (Ales Bello, 2018, p. 53), ele tem, por si mesmo, a capacidade de manifestar-se como *Numinoso*. Nesse sentido, a *hilética*, a *noética* e a sacralidade analisadas de maneira didática e separadas formam uma unidade: estão em comunhão.

Ao utilizar essas duas categorias (*hilética* e *noética*) pela fenomenologia de análise, Ales Bello apresentam-nas como duas grandes possibilidades para uma investigação daquilo que já é dado, aquilo que já está posto na experiência humana. Com o desenvolvimento da consciência, o ser humano atual pode, a partir de suas buscas internas (psíquicas, espirituais) em relação com os fenômenos externos (aquilo que passa pelos sentidos) fazer a sua própria experiência religiosa/espiritual. Ales Bello apresenta as experiências *hiléticas* e *noéticas* como momento! E aqui está a chave para a ruptura com a compreensão imanente/física, pois, pela consciência o ser humano pode fazer a experiência do *Sagrado* além da compreensão limitada e limitante de tempo e espaço. Ales Bello (2018) argumenta que na ritualização há uma ruptura com o tempo (cronológico e psicológico), onde aquilo que é celebrado acontece sempre no infinito agora, sem a necessidade de explicação racional (ou mental) daquilo que se manifesta diante dos sentidos. É *como se* algo maior ou *Transcendente* tomasse conta do momento, indo além dos sentidos do humano numa experiência espiritual profunda.

Na obra “Aion” (1951/2013), Carl Jung trabalha essa dimensão transcendente do tempo chamada “*eón cristão*”, a partir dos símbolos cristãos, gnósticos e alquimistas do arquétipo principal do *Self* (Si-mesmo). De acordo com Jung, o *aion* seria um tempo que incluiria um passado e futuro ilimitados, sendo o tempo dos acontecimentos incorporais, o tempo daquilo que é expresso nas proposições, o que equivale a dizer, o tempo do sentido (Jung, 2013). Isso corrobora as intuições de Ales Bello no sentido da conexão transcendente ente os momentos *hilético* e *noético*, possibilitando ao ser humano uma experiência religiosa/espiritual deslocada de vínculo a uma religião, enquanto instituição organizada em ritos e doutrinas.

A partir das categorias do *hilético* e *noético*, percebemos uma relação de interdependência nestes dois aspectos. A tentativa de explicar, de maneira teórica as duas categorias, quer ser apenas uma maneira didática para facilitar a compreensão de cada categoria de maneira separada. Porém, quando a compreensão acontece no todo, ou seja, nas duas categorias ao mesmo tempo, percebe-se que há uma verdadeira comunhão nas duas experiências, que se torna, naquele momento uma única experiência! Assim como o humano é percebido numa totalidade corpo/alma/espírito, as categorias *hilética* e *noética*

só podem ser entendidas também nessa interdependência e comunhão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do ser humano como um ser religioso/espiritual em Angela Ales Bello proporcionou-nos um contato maior com a vasta produção literária dessa autora. A partir da epistemologia fenomenológica, foi-nos possível chegar a algumas conclusões às quais a filósofa italiana demonstrou de maneira clara e fundamentada em seu longo tempo de pesquisas e estudos. A partir da espiritualidade judaico-cristã, o ser humano foi apresentado como uma totalidade corpo/alma/espírito, de modo que tal compreensão não pode ser analisada sem a abordagem da sua totalidade. De maneira hermenêutica, as categorias *hiléticas* e *noéticas* foram capazes de fazer uma investigação nas três dimensões do humano, a não perder de vista o ponto de partida, ou seja, de revelar ou (re)apresentar os aspectos que já estão intrínsecos no ser humano. Essa metodologia mostra um caminho possível, sem fechar tantas outras possibilidades.

Ales Bello apresenta um caminho (método/metodologia) bastante seguro e fundamentado para que se possa fazer uma “experiência” do *Sagrado*, ao qual ela denomina de *Potência*. A partir das novas espiritualidades que surgiram a partir do final do século XX e continuam a se desenvolver nos tempos atuais, tais como o esoterismo, a Nova Era, o holismo, o (neo)paganismo entre tantas outras, percebe-se que a *Espiritualidade* é apontada como algo que se faz experiência, como algo vivencial. Mesmo dentro do cristianismo, a religião dominante do Ocidente, é fácil perceber muitos movimentos que buscam sair de uma religiosidade abstrata, teológica e metafísica. As pessoas buscam *Espiritualidade*, enquanto muitas denominações cristãs (em seus vários cristianismos e igrejas) continuam estagnadas num arcabouço doutrinal, ritualístico (com ênfase no ritualismo) e legislativo.

Este breve percurso pelas veredas de Ales Bello foi muito oportuno no sentido de perceber que o *Sagrado* é sempre algo que se revela, que se manifesta (*epifania*). Quando há abertura e busca do humano em relação ao *Sagrado*, é possível criar uma (re)conexão com essa experiência sagrada que acontece no íntimo de cada ser e também em inúmeras manifestações coletivas (comunidades). Dado que as manifestações religiosas/espirituais

atualizam os mistérios em forma de ritos/celebrações, pode-se entender e perceber que brotam de experiências ancestrais e arcaicas, como maneira de atualização do mistério no eterno aqui e agora. Encerrando este artigo, gostaríamos de deixar um trecho da canção “Amor de Índio” de Beto Guedes:

Tudo que move é sagrado/ e remove as montanhas/ com todo o cuidado,
meu amor. Enquanto a chama arder/ todo dia te ver passar/ Tudo viver a
teu lado/ com o arco da promessa/ do azul pintado pra durar. Abelha
fazendo o mel/ vale o tempo que não voou. A estrela caiu do céu/ o pedido
que se pensou/ o destino que se cumpriu/ de sentir seu calor/ e ser TODO.
Todo dia é o de viver/ para ser o que for/ e ser tudo. Sim, todo amor é
sagrado/ e o fruto do trabalho/ é mais que sagrado, meu amor. a massa que
faz o pão/ vale a luz do teu suor/ lembra que o sono é sagrado/ e alimenta
de horizontes/ o tempo acordado de viver.

Tudo que move é *Sagrado*. Todo movimento, toda manifestação, toda *epifania* é sempre uma ação do Sagrado em direção ao ser humano. E é nesse movimento, no eterno agora, que acontecem os encontros e as experiências se fazem. De acordo com Ales Bello (2017, p. 97), “a experiência religiosa é uma experiência de si e da experiência de que existe algo superior a si, portanto, se a superação existe, ela é algo que está presente”.

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, Angela. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Tradução Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 1998.
- ALES BELLO, Angela. *Introdução à fenomenologia*. Tradução Ir. Aparecida Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Belo Horizonte: SPES, 2017.
- ALES BELLO, Angela. *O sentido das coisas: por um realismo fenomenológico*. Tradução José J. Queiroz. São Paulo: Paulus, 2019.
- ALES BELLO, Angela. *O sentido do sagrado: da arcaicidade à dessacralização*. Tradução D. J. Daldoce e P. S. L. Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2018.
- ASSAGIOLI, Roberto. *Psicossíntese: as bases da psicologia moderna e transpessoal*. Tradução Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. Tradução direta dos originais. Introdução e notas: *Le*

Clóvis Ecco; P. S de Souza – O humano como um ser religioso/espiritual...

Bible de Jérusalem. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. *Graça e experiência humana*. Petrópolis: Vozes, 2003.

Boff, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano compaixão pela terra*. 11. ed. Petrópolis: Vozes: 2004.

BOFF, Leonardo. *Vida segundo o espírito*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BUZZI, Arcângelo. *Introdução ao pensar*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERBONE, David. *Fenomenologia*. Tradução Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

GUEDES, Beto. BASTOS, Ronaldo. *Amor de índio*. Belo Horizonte: EMI-Odeon em formato de LP: 1978. Duração: 3'54min. Disponível: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/amor-de-indio>.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 15. ed. Tradução Márcia Sá C. Shuback. Petrópolis: Vozes, 2005.

HELLINGER, Bert. *Ordens do amor*. Tradução Newton de Araújo Queiroz. São Paulo: Cultrix, 2007.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia: cinco lições*. Tradução Marloren Lopez Miranda. Petrópolis: Vozes, 1986/2020.

JOHNSON, Robert. *A chave do reino interior*. Tradução Dilma Gelli. São Paulo: Mercúrio, 1989.

JUNG, Carl Gustav. *Aion: estudo sobre o simbolismo do Si-mesmo*. Tradução Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1982.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos e reflexões*. Tradução Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1961/2006.

JUNG, Carl Gustav. *O livro vermelho*. Tradução Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2007.

MELO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia cultural: iniciação, teorias e temas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PEARCE, Joseph Chilton. *O fim da religião e o renascimento da espiritualidade*. Tradução Flávio Quintiliano. São Paulo: Cultrix, 2009.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. XIII, n. 2, p. 216-221, jul./dez. 2007.

ABSTRACT:

This paper seeks to explore aspects of the human being, viewing it as an inherently religious or spiritual being, through the lens of Christian spirituality and its manifestations perceived by phenomenology. The methodology adopted consists of a literature review based on Angela Ales Bello's phenomenological epistemology. The aim is to investigate the understanding of human beings as open to the Sacred, regardless of whether they are involved in conventional religious structures or interested in transcendent issues. From a phenomenological perspective, we highlight the natural propensity of human beings towards spirituality, free from restrictions or religious ties. Furthermore, based on thinkers who explore phenomenology in the psychic and spiritual dimensions, we present the hyletic and noetic categories as paths of spiritual experience accessible to anyone who engages in this path, without necessarily being linked to a specific religious system.

Keywords: Phenomenology and religion; Human being and religion; Spiritualities.

Recebido em 16/08/2024.

Aprovado para publicação em 27/09/2024.